

EDUCAÇÃO FINANCEIRA EM REDES DE ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO DE CASO NO INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE.

CAMILA KRUMREICH NORNBURG¹; ALEXANDRE XAVIER VIEIRA BRAGA²

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – camilanornberg@hotmail.com 1

²Universidade Federal de Pelotas – bragaufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A educação financeira é entendida como um processo de transmissão de conhecimento que permite aos indivíduos desenvolver habilidades para tomar decisões fundamentadas e seguras sobre as suas finanças pessoais, tornando-se mais atuantes no âmbito financeiro e aumentando o seu bem-estar (SAVOIA; SAITO; SANTANA, 2007).

A escola é um ambiente onde estudantes aprendem não somente os conhecimentos cognitivos, mas também o que lhes proporciona capacidade de administrar sua vida em sociedade, onde possam aprender a fazer escolhas e a sonhar, mas também a descobrir formas de realização desses caminhos que foram traçados. A educação financeira é entendida como um tema transversal, que dialoga com as diversas disciplinas do sistema de Educação do Ensino Médio e Fundamental e, ao se desenvolver em sala de aula, possibilita ao estudante compreender que seus sonhos podem se tornar realidade (AEF-BRASIL, 2010).

O crescimento e o desenvolvimento de uma sociedade dependem também de educar financeiramente os cidadãos e os jovens, ensiná-los a controlar o seu dinheiro disponível, a adquirir somente o necessário e a respeitar o seu orçamento. Deste modo, uma das bases das dificuldades financeiras é o analfabetismo, seja de palavras ou até mesmo de números.

Portanto, o objetivo principal do presente estudo é verificar se existe algum enfoque sendo oferecido aos alunos sobre a temática de administração financeira, e avaliar o conhecimento sobre educação financeira, em diferentes semestres de alunos do ensino médio integrado no Instituto Federal Sul-rio-grandense, especialmente na cidade de Pelotas/RS (IFSUL/Pelotas). Ao fim, comparam-se os achados desta pesquisa com um estudo similar, realizado em uma instituição privada de ensino.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa possuiu, segundo Gil (2002), caráter exploratório-descritivo. Ela foi realizada levando em conta os aspectos da formulação das perguntas que norteiam a pesquisa, além de estabelecer também uma relação entre as variáveis propostas no objeto de estudo em análise.

O cálculo do tamanho da amostra foi elaborado com base no número total de alunos matriculados em cada curso integrado, ou seja, o ensino médio mais um curso técnico. Com duração de 4 anos, no Instituto Federal Sul Rio-grandense, foram utilizados o 1º e o 2º semestre que correspondem ao 1º ano do curso integrado. Com o número total de 1009 alunos matriculados, foram utilizados cálculos amostrais com 90% de confiança e 10% de margem de erro, que resultou em 64 alunos para ser aplicado o questionário, para avaliar o conhecimento dos alunos, adquirido no ensino fundamental. Também foi utilizado o mesmo cálculo para o total de alunos do 7º e 8º semestre que correspondem ao

último ano. O resultado da amostra foi de 59 alunos para responder o questionário, com o objetivo de avaliar se houve um maior conhecimento durante o ensino médio sobre o assunto.

O instrumento de pesquisa utilizado foi um questionário aplicado por Bertoldi (2015), de modo que o presente trabalho, aplicado no mês de maio do ano de 2019, pudesse ser comparado com esta pesquisa base, alcançando-se assim um dos objetivos secundários. O questionário foi composto por 30 questões, com questões abertas e fechadas de múltipla escolha, dicotômicas, que são perguntas que possuem apenas duas opções de resposta, como “sim” ou “não”, onde foi aplicado em sala de aula com os alunos presentes, de modo a analisar o conhecimento e atitudes referentes ao tema.

De forma presencial, ao total foram aplicados 149 questionários, 75 com alunos das séries iniciais. Destes, foram utilizados 64 questionários para análise de dados. Com relação às séries finais, o total de alunos era de 74, onde foram utilizados 59 questionários para o estudo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para que se possa analisar se houve evolução ou não nos conhecimentos sobre finanças, apresentam-se primeiramente as respostas com relação aos alunos do 1º e 2º semestre, conforme o que segue abaixo.

Com relação ao instrumento de pesquisa, na questão referente à importância em adquirir conhecimentos sobre finanças, 100% responderam que sim, que acham o assunto de extrema importância para poder ter um bom gerenciamento do seu dinheiro; “se preparar para o futuro”; “ter noção e saber administrar o dinheiro”. Sobre os alunos acharem necessária a inclusão da educação financeira nas escolas brasileiras, 97,31% responderam que sim, 28,12% acham necessário incluir com palestras, 31,25% com uma matéria específica e 35,93% juntamente com conteúdo de outras matérias e 3,12% responderam “outro” com matemática ou palestras não obrigatórias. Em relação à frequência com que eles recebem educação financeira na escola, 89,06% afirmaram que recebem de forma aleatória e 10,93% não responderam pelo fato de não haver um método específico pela instituição para aplicar a educação financeira aos alunos.

Na sequência da investigação, os alunos também foram questionados quanto ao nível de conhecimento sobre finanças, 45,31% consideram ter um nível baixo, 48,43% um nível médio e 6,25% um nível alto. Sobre os seus pais ou responsáveis já terem conversado sobre dinheiro, 89,06% responderam que sim.

Com relação aos resultados obtidos no 7º e 8º semestre, inicialmente os alunos foram questionados se consideram importante para a sua vida adquirir conhecimentos básicos sobre finanças, 100% afirmaram que sim, porque, “para controlar os meus gastos e poder poupar para adquirir o que quero”, “pois é algo determinante em nossa vida pessoal e profissional”, “para administrar as minhas finanças e futuramente ter mais chance de abrir uma empresa, administrando-a”, “para organizar as despesas melhor, não adquirir dívidas”, “Para melhor administração do dinheiro recebido futuramente”, “para usar melhor nossos recursos e não gastar mais do que o necessário”, “importante para o futuro, aprender a lidar com dinheiro e a administrá-lo”, “Para aprender a ter estabilidade financeira”, “porque tudo gira em torno do dinheiro”, “a fim de conseguir gerenciar de forma adequada e mais eficiente a minha vida financeira”.

Sobre a necessidade de incluir educação financeira nas escolas brasileiras e de qual maneira, 45,76% afirmaram que sim, com uma matéria específica, 28,8%

afirmaram que sim, juntamente com o conteúdo de outras matérias, 23,72% afirmaram que sim, com palestras e apenas 1,69% afirmaram que não acham necessário.

Quanto ao método usado pela instituição para ensinar a educação financeira, 35,59% responderam que é ensinado juntamente com o conteúdo de outras matérias, com explicações e comentários que os professores dão sobre o assunto, 15,25% respondeu que é ensinado com uma matéria específica de educação financeira, 11,86% responderam que é ensinado através de palestras e 35,59% marcaram a opção "outro", dentre as respostas que mais se destacaram estão: "não é ensinado", "não somos ensinados", destes 3,38% responderam "gerenciamento", que é uma determinada disciplina.

Com relação à frequência com que recebem educação financeira na instituição, 67,79% respondeu que recebe de forma aleatória, 28,81% respondeu que recebe uma vez por semana e 3,38% respondeu que recebem mais de uma vez por semana. Na sequência, os alunos também foram questionados quanto ao nível de conhecimento sobre finanças, 62,71% consideram que possuem um nível baixo, 30,58% consideram que possuem um nível médio e 6,77% consideram que possuem um alto nível de conhecimento.

Comparando os resultados entre os dois primeiros semestres com os dois últimos semestres dos cursos integrados do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, foi possível verificar uma evolução na compreensão básica sobre o tema, e que todos os alunos consideram importante adquirir os conhecimentos básicos sobre finanças.

Em relação à maneira que os alunos acham necessário incluir a educação financeira nas escolas com uma matéria específica sobre o assunto, o número subiu de 31,25% para 45,76%, porém o nível de conhecimento sobre finanças, considerado baixo aumentou de 45,31% para 62,71%, "porque quanto mais adultos nos tornamos, maiores são as nossas responsabilidades".

Com relação ao método usado pelo Instituto para ensinar educação financeira, aumentou de 12,5% para 35,59% os que optaram pela opção "é ensinada juntamente com o conteúdo de outras matérias", e os alunos que optaram pela opção "outro", citando que não é ensinada educação financeira no Instituto, diminuiu de 68,75% para 35,59%, visto que há um maior diálogo por parte dos professores sobre o assunto com os alunos pelo fato de ser ensinado juntamente com outras matérias.

Com base na frequência que recebem educação financeira no Instituto, citando de forma aleatória, de 89,06% caiu para 67,79%, concluindo-se que aumentou a frequência ao longo dos semestres com que o tema é abordado no Instituto.

Deste modo, em aspectos gerais, houve uma evolução no conhecimento geral de finanças pessoais ao passar do tempo, muito embora não exista um rol de disciplinas específicas que tratem diretamente do tema. Esta evolução pode ser considerada natural, uma vez que a pessoa, com o passar do tempo de vida, absorve mais informações e se torna mais madura.

Comparando os estudos realizados no Instituto com os resultados realizados por Bertoldi (2015), em uma escola privada, foi constatado, que 100% dos alunos do Instituto acham a educação financeira importante. Já na escola privada analisada, o percentual foi de 95%. Esperava-se que todos os alunos considerassem importante. Quanto ao nível de conhecimento sobre finanças, um maior número de alunos do Instituto Federal considera ter um nível baixo de conhecimento, enquanto na escola privada os alunos consideram ter um nível médio.

4. CONCLUSÕES

O objetivo principal deste estudo foi verificar se os alunos do Instituto Federal escolhido para o caso recebiam algum tipo de apoio específico sobre finanças pessoais, tais como disciplinas, cursos ou seminários específicos. Restou evidente, após o término do trabalho de campo, que os mesmos não recebem, sendo esta temática envolvida apenas juntamente com outras disciplinas, de modo casual. Ainda, com o passar dos semestres, foi verificado que o conhecimento desses alunos sobre finanças obteve uma evolução, na comparação com as respostas obtidas.

Como alguns dos principais achados, pode-se destacar que foi possível verificar, através das respostas ao instrumento de pesquisa, e ao comparar com o estudo de Bertoldi (2015), que o conhecimento que os alunos da rede pública têm sobre o assunto é ligeiramente inferior ao conhecimento que os alunos da rede privada possuem. Porém, também evidenciou-se que os alunos pesquisados da rede pública possuem uma melhor noção de que deve-se realizar uma compra em primeiro lugar por necessidade, e somente após esta compra, adquirir o que satisfaz a sua vontade, mais aproximado de consumos supérfluos ou não necessários. Ainda, quanto ao significado de previdência complementar e cheque especial, os alunos da rede privada obtiveram um maior número em respostas adequadas.

Também demonstrou-se que a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), proposta pelo Governo Federal a quase 10 anos, ainda não está implantada de modo claro nestas instituições, o que pode ser um indicativo que, no geral, exista uma falta de priorização institucional sobre o tema. Por fim, entende-se que as escolas deveriam avaliar a inclusão de matérias específicas sobre o tema, de modo que, independente da futura profissão do jovem, saber lidar com finanças pode influenciar positivamente a vida adulta do mesmo, além de reforçar a importância do assunto ao bem estar de cada indivíduo e ao desenvolvimento da economia em nosso país.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AEF–Brasil. **Educação Financeira nas Escolas**. Associação de Educação Financeira do Brasil, São Paulo, 2010. Acessado em 08 out. 2018. Online. Disponível em: <http://www.aefbrasil.org.br/index.php/programas-e-projetos/educacao-financeira-nas-escolas/>
- BERTOLDI, S. Educação financeira no Brasil: Um estudo de caso com o 1º ano do Ensino Médio do Colégio Farroupilha de Porto Alegre. **UFRGS Lume Repositório Digital**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4º Edição. São Paulo: Editora Atlas S.A. 2002.
- KIYOSAKI, Robert T.; LECHTER, Sharon L. **Pai Rico, Pai Pobre: o que os ricos ensinam aos seus filhos sobre dinheiro**. 21. Ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- PINHEIRO, Ricardo Pena. **Educação financeira e previdenciária, a nova fronteira dos fundos de pensão**. São Paulo: Instituto San Tiago Dantas de Direito e Economia e Editora Peixoto Neto, 2008.
- SAVOIA, José Roberto Ferreira; SAITO, André Taue; SANTANA, Flávia de Angelis Santana. **Paradigmas da Educação Financeira no Brasil**. Rio de Janeiro: Revista de Administração Pública, 2007.